



CMUHE012723

FARJALLAT, Célia Siqueira. O negro em nossa cultura. Correio Popular, Campinas, 19 ago. 1999.

O Negro em Nossa Cultura

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

O médico e historiador Lycurgo de Castro Santos Filho fez a apresentação do livro de Francelino S. Piauí "O Negro na Cultura Brasileira", em dezembro de 1973. Assinalou a maestria do autor em ressaltar o papel do africano na formação da população e da cultura nacionais; recordou a impressionante contribuição ao idioma, à cozinha, à economia agrária, à indústria, às artes e às ciências. E destacou ainda nomes de ilustres descendentes dos africanos no Brasil. Ambos, o dr Lycurgo e o Piauí, pertenciam à Academia Campinense de Letras, onde deixaram luminosa passagem.

Referir-se à presença do elemento africano no Brasil é lembrar, também, os tristes tempos da escravidão (extinta em 13 de

maio de 1888). Iniciou-se, então um movimento sentimental para acabar com suas referências. Com a Proclamação da República, o movimento assumiu aspectos legais, pelo decreto de 14 de dezembro de 1890, e da circular 29, de 13 de maio de 1891.

**Lycurgo e
Piauí
pertenciam à
Academia
Campinense
de Letras**

Ora, estes diplomas legais mandavam queimar todos os documentos históricos relativos à escravidão. Claro, a intenção de Rui Barbosa era ótima e generosa, mas o prejuízo histórico-documental foi imenso. Os estudiosos perderam informações e referências, e isso dificultou a pesquisa. Daí o valor do faro de grandes estudiosos, como Nina Rodrigues, Artur Ramos, Gilberto Freyre, Edson Carneiro, Roger Bastide e outros.

Na alimentação, os africanos inovaram com pratos, como o vatapá, o acarajé, a galinha de xin-

xim, a farofa, o quibebe, o mun-gunzá, o quibebe, o efô e outras iguarias, muito apreciadas, especialmente na Bahia.

Na linguagem coloquial e geral, na vida da família, o negro amaciou os nomes próprios. Vejam: Antônia ficou Dondon, Totinha; Teresa passou a ser Tetê, Tezinha; Alberto transformou-se em Beбето, Betinho, e ainda multiplicaram-se os ioiozinhos, as iaiás, as nocas, maroquinhas, siliocas, e uma infinidade de outros. Palavras africanas se incorporaram ao nosso dia-a-dia: moleque, quitute, mandinga, banzé, jiló, tanga, cachimbo, candomblé, zumbi, cururu, quindim, mucama, camondongo, banzo, mocotó, caçula, e muitas mais.

Negros e seus descendentes mestiços brilharam nas artes, letras, ciências, na defesa do Brasil com idealismo e coragem. Como destaques na música, no período colonial, a figura do padre José Maurício Nunes Garcia; e ainda: Domingos Caldas Barbosa, Joa-

quim Manoel, Francisco Braga, Lamartine Babo, Miguel dos Anjos Torres, e uma infinidade de outros em nossos dias. Na escultura, Antônio Francisco Lisboa (O Aleijadinho), tido como o maior de todos deste lado do mundo, e mais Valentim da Fonseca e Silva (Mestre Valentim, grande santhegro) e Francisco Chagas, o Cabra.

Na pintura, o grande Pedro Américo, o maior pintor de batalhas; e Dias Júnior, Estevão da Silva e muitos mais. Na poesia e literatura, a galeria de negros e mulatos é ilustre. A começar por Machado de Assis, Antônio Gonçalves Dias, Cruz e Souza, Couto de Magalhães, Laurindo Rabelo, Lima Barreto, entre outros muitos.

Numerosos negros e mulatos destacaram-se nas ciências, e especialmente na Medicina. Juliano Moreira, Evaristo de Moraes

são os mais lembrados. No Jornalismo e na Política foram destacados Luiz Gama, José do Patrocínio (o Tigre da Abolição), Miguel de Barros, André Rebouças, Luiz de Souza...

O nosso pesquisador Piauí referiu-se ainda à contribuição negra nos esportes, destacando a presença de vários futebolistas,

e em especial de Pelé. Foi ainda além, e analisou o papel da mulher negra, de artistas, escritoras, desportistas, ou simplesmente das figuras humanas, maravilhosas, humildes, das mães-pretas, presentes na vida familiar e social do Brasil

de todos os tempos.

“Sem a contribuição do negro, o Brasil não seria autêntico”, disse Oliveira Martins.” E estava certíssimo.

Célia Siqueira Farjallat é cronista do Correio

Diplomas legais mandavam queimar todos os documentos sobre a escravidão
